



BAGÉ – BELLUM LOCO: Uma Análise na Atuação da Cidade na Guerra do Paraguai

Luan da Silva Mazuhi¹, Vivian Fernandes Carvalho de Almeida²

¹ Acadêmico do Curso de História, Polo Bagé-RS, Centro Universitário Cesumar – UniCesumar. Aluno Voluntário de Iniciação Científica PVIC-UniCesumar. luanmazuhi@gmail.com

² Orientadora, Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá, Especialista em Gestão Escolar, Professora da Unicesumar. vivian.almeida@unicesumar.edu.br

RESUMO

Através deste estudo buscamos compreender o envolvimento de Bagé na Guerra do Paraguai, bem como a contribuição da cidade nos campos bélico e político. Para isso, investigamos as origens da cidade, como ela foi fundada, os primeiros conflitos que passaram por seus domínios; como Bagé incorporou os Corpos de Exércitos, o efetivo mobilizado, sua locação nos Corpos e a desenvoltura bélica de Bagé nas principais batalhas como a de Curupaiti, a Tomada de Humaitá e na Dezembrada. No decorrer do trabalho nos deparamos com algumas personalidades que tiveram atuação de destaque no conflito e possuíam ligação com Bagé. O cenário político da época não pode ser ignorado, através do enfoque na Província do Rio Grande do Sul, demonstramos como a política estava sendo desenvolvida, e os embates em torno da formação do 3º Corpo de Exército. Contudo, nossos esforços tem seu âmago em demonstrar as formas que Bagé participou efetivamente no combate, embora o mesmo não tenha acontecido em seus domínios, como ocorreu em outros que participara como a Guerra da Cisplatina, Aguirre e na Revolução Farroupilha.

PALAVRAS-CHAVE: História Local; História Regional; Rio Grande do Sul.

1 INTRODUÇÃO

Bagé é uma cidade situada no interior do Estado do Rio Grande do Sul, na região da Campanha, fronteira com o Uruguai, é conhecida como “Rainha da Fronteira” e tem seu nome ligado a vários capítulos da história do Brasil. A história da cidade de Bagé começa em meados do século XVIII, quando teve início a ocupação na área hoje denominada como Santa Tecla, onde índios oriundos da Missão de São Miguel, teriam se instalado (FAGUNDES, 2005). Conforme Fagundes (2005) o primeiro registro do nome Bagé é datado no ano de 1776, quando D. Luiz Ramires relatou em seu diário de marcha que tinha acampado nos “Serros de Balles”.

Sobre sua fundação, a região onde hoje é Bagé, no ano de 1811, foi ocupada pelas forças portuguesas que receberam ordens para instalar um distrito e uma guarda militar (BENTO; GIORGIS, 2002). No dia 17 de julho de 1811, data apontada como dia da fundação de Bagé, o Exército português marchou em direção ao Uruguai e Dom Diogo de Souza, o comandante da missão e fundador de Bagé, resolve deixar no local alguns soldados, os doentes, os comerciantes e as mulheres que acompanhavam a tropa. Nesse local começou a se erguer uma vila com ranchos de torrão, que depois se transformou na cidade (FAGUNDES, 2005).

Bagé quase sempre é citada nos conflitos ocorridos no século XIX, a cidade localiza-se entre vários morros e elevações, e devido sua posição, frequentemente sua área era selecionada para orquestrar estratégias militares, e também por ser uma região de fronteira, para fins políticos. E até a atualidade passado 200 anos de sua fundação, Bagé hoje com seus 100 mil habitantes ainda possuem ligações fortes com as forças armadas, onde abrigada 5 unidades militares e uma guarnição de cerca de quase 1000 militares, seguindo sua mística.



Diante do descrito acima, demonstramos rapidamente que a cidade de Bagé, desde sua criação, foi um local estratégico para os militares que passaram pela região desde o final do século XVIII. Por isso o objetivo deste trabalho é realizar uma retomada histórica e examinar a participação de Bagé na Guerra do Paraguai, através de um estudo sobre o emprego da tropa, as ligações entre as pessoas que se destacaram no prélio e a cidade, sua atuação no campo político e o efetivo enviado. Com uma pesquisa quali-quantitativa de cunho bibliográfico com autores como Elizabeth de Fagundes, Claudio Bento, Luiz Giorgis entre outros, buscaremos realizar este exame, no qual aspiramos que o mesmo nos transfira novas informações e que algumas das mesmas possam de alguma maneira auxiliar o campo de estudo histórico e também para Bagé. Nesse estudo também gostaríamos de ressaltar a importância da História Local como ponte para que as pessoas se identifiquem com a história da sua região e que participem de processos históricos.

No decorrer do trabalho, além de abordarmos as origens bajeenses, as personalidades que tiveram atuação destacada no conflito, discorreremos sobre o cenário político da época, tendo como centro à Província do Rio Grande do Sul. Assim será averiguado como a política estava sendo desenvolvida, a formação do 3º Corpo de Exército e como Bagé interferiu. Debateremos ainda os dados do efetivo de combatentes empregados nos Corpos de Exército, e também alguns dados demográficos de Bagé na época do conflito, no qual elaboraremos um possível efetivo total enviado pela cidade. Por fim, apresentamos nossas considerações finais com os resultados sobre como foi a atuação de Bagé na Guerra do Paraguai.

2 BAGÉ – BELLUM LOCO³

A história de Bagé tem um ponto de início na construção do Forte de Santa Tecla, que começa, segundo Fagundes (2005), quando D. José Vertiz Y Salcedo é nomeado governador de Buenos Aires em 1773, e após assunção do cargo entrou na campanha pela Colônia do Sacramento com objetivo de retomar a ofensiva castelhana e expulsar os portugueses da Província de São Pedro. Construído estrategicamente, era defendido por 250 homens (BENTO; GIORGIS, 2002, p. 76), tal forte também era, segundo Fagundes (2005), um marco definitivo para o domínio espanhol da área. Porém no mês de janeiro 1776 começa o combate pelo domínio da área, depois de transcorridos dois meses de cerco, no dia 26 de março de 1776, os defensores do forte se rendem e deixam Santa Tecla. No dia seguinte o alferes engenheiro Manoel Carvalho de Souza destrói a fortaleza (BENTO; GIORGIS, 2002, p.80). Contudo, anos mais tarde, em 1801, o forte é reconstruído pelos espanhóis, mas novamente sob o comando de Patrício José Correa da Câmara, o forte é reconquistado pelas forças portuguesas.

Passados alguns anos após sua fundação, ocorrida em 1811, a cidade se envolve na Guerra contra Artigas, onde forneceu contingente e na Guerra da Cisplatina é invadida pelas forças argentinas (BENTO; GIORGIS, 2002). Mas foi na Revolução Farroupilha que Bagé começou a ganhar notoriedade, quando iniciada a revolução, Bagé era distrito da cidade de Piratini, por motivos desse conflito, se instaurou em Bagé o 2º Regimento de Cavalaria Ligeira do Exército, comandado pelo 2º Tenente Osório. Na Revolução Farroupilha, nas áreas que pertenciam à cidade de Bagé na época, ocorreu dois grandes acontecimentos da revolução como a Batalha de Seival, onde o Gen. Neto proclamou a República Rio-Grandense (BENTO; GIORGIS, 2002) e também em 1845 foi assinado o Tratado de Ponche Verde, acordo que deu fim à revolta. Após o término da revolução no dia 5 de junho de 1846, Bagé foi elevada à categoria de município (FAGUNDES, 2005, p. 521). Alguns anos após essa elevação, foi integrante da divisão brasileira que luta na

³ Local, lugar de guerra em latim, tradução nossa



Guerra contra Oribe e Rosas no ano de 1851, nessa época a cidade abrigava a 3ª Brigada que tinha como suas unidades integrantes o 8º Batalhão de Fuzileiros, o 2º Regimento de Cavalaria Ligeira e um Batalhão da Guarda Nacional (BENTO; GIORGIS, 2002).

Em 15 de dezembro de 1859 Bagé foi elevada à categoria de cidade (FAGUNDES, 2005, p. 521), e no ano de 1864 novamente se torna parte beligerante na Guerra Contra Aguirre, onde a partir dessa cidade o Uruguai é invadido por cerca de 6.000 homens (BENTO; GIORGIS, 2002, p.45), lembrando que essa operação foi uns dos estopins para dar início no mesmo ano a Guerra do Paraguai, na qual Bagé novamente se envolve.

3 BAGÉ – UMA RETOMADA HISTÓRICA

A partir desse tópico será feito uma retomada histórica onde averiguaremos a participação de Bagé na guerra do Paraguai, porém agora focaremos na parte bélica e o emprego dos efetivos enviados por Bagé nos Corpos de Exércitos, onde a participação oficial de Bagé no conflito começa com o Decreto nº 3.371, de 1865 que cria os Corpos de Voluntários da Pátria. Bagé conforme Bento e Giorgis (2002), teve participação no efetivo do 2º e 3º Corpo de Exército e também no Decreto nº 3.383, de 21 de janeiro de 1865, que se trata da convocação da Guarda Nacional para se juntar ao Exército, foi mobilizado cerca de 2.000 homens que compuseram o 12º Corpo Provisório de Cavalaria e 35º Corpo de Voluntários da Pátria que fizeram parte do 2º Corpo de Exército. Com o 3º Corpo, Bagé integra as unidades do 19º Corpo de Voluntários da Pátria e os 16º e 32º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional.

Considerando Bagé integrante do 2º Corpo de Exército, em 22 de setembro de 1866, tem atuação no ataque a Fortaleza de Curupaiti, sob o comando do Barão de Porto Alegre, General Marques de Souza, onde suas forças atacaram o forte e saíram derrotados, e também na Fundição de Ibicuí, conforme Gazola (2017). Com o 3º Corpo obtém mais protagonismo, que comandado por Osório, no dia 3 de março de 1868, toma posse da Fortaleza de Humaitá e na Batalha de Cerro Corá, ocorrida em 1º de março de 1870, integrando a 2º Divisão de Cavalaria do 3º Corpo e o 19º Corpo de Voluntários da Pátria, ajuda na captura de Solano López (Steier Nagel, 2012, p.24).

Em operações conjuntas dos Corpos de Exércitos, tem participação no evento conhecido como “Dezembrada”, que ocorreu em Dezembro de 1868. Torres (2020) nos expõe que com os três corpos de exército, com quase 19 mil militares, elaborou uma ofensiva aliada e partiu para essa série de combates ocorridos em dezembro de 1868, que é composta por a Batalha de Itororó, em 6 de dezembro de 1868, onde o exército contava com 2º Corpo na vanguarda, 1º Corpo ao centro e 3º Corpo a retaguarda. Após na Batalha do Avaí, em 11 de dezembro de 1868, o General Bernardino Caballero é cercado pela 1ª, 2ª e 3ª divisões de cavalaria, mostrando a ação conjunta dos três Corpos. E a última chamada de Lomas Valentina que se sucedeu entre 21 a 27 de dezembro de 1868, onde Torres (2020) diz que o exército organizado, atacou os flancos das tropas inimigas seguinte forma: o 1º Corpo o atacaria o flanco esquerdo da posição inimiga, o 2º Corpo atacaria o flanco direito, e a cavalaria de Andrade Neves, composta por duas divisões, com a missão de cortar as comunicações inimigas.

Neste tópico analisamos algumas das ações bélicas desenvolvidas pelos corpos de exército em campo, e com a descrição das mesmas podemos tecer uma averiguação de onde foram empregadas as tropas enviadas pela guarnição de Bagé.

4 O ELO ENTRE BAGÉ E OS NOMES DE DESTAQUES DO CONFRONTO

Neste tópico abordaremos as personalidades que possuem ligação com o conflito e também com a cidade de Bagé, as pessoas aqui citadas nasceram, moraram, trabalharam



ou serviram nas forças armadas na cidade. Dito isto, então começaremos pelos patronos das armas do Exército Brasileiro de Cavalaria, Artilharia e Infantaria que são os marechais Osório, Mallet e o brigadeiro Sampaio.

Marechal Manuel Luís Osório é o patrono da arma de cavalaria do Exército no Brasil, na guerra do Paraguai comandou o 1º e o 3º Corpo de Exército, tendo atuação na Batalha de Tuiuti, na tomada do Forte de Humaitá e também na Dezembrada (GAZOLA, 2017). Em Bagé constituiu família e comandou o Comando de Fronteira e o 2º Regimento de Cavalaria Ligeira, além de atuar em outros conflitos como a Revolução farroupilha enquanto servia no município. (BENTO; GIORGIS, 2002). O patrono da arma de Artilharia Emílio Luiz Mallet, também possui uma forte ligação com Bagé, francês de nascimento, na cidade residiu por muito tempo, onde casou em 1828, e quando foi dispensado do exército, retornou para cidade e se dedicou as atividades pecuárias e a uma olaria. Integrou o 1º Corpo de Exército, com destacável participação na Batalha do Tuiuti (GAZOLA, 2017), após a guerra, retorna para Bagé e assume o comando da Guarda Nacional de Bagé (BENTO; GIORGIS, 2002). O Brigadeiro Antônio de Sampaio, patrono da arma de infantaria, natural do Estado do Ceará, também foi comandante do Comando de Fronteira de Bagé, na guerra foi integrante do 1º Corpo (GAZOLA, 2017), e tombou na Batalha do Tuiuti. (BENTO; GIORGIS, 2002). Além dos supracitados outras personalidades também possuem ligação com Bagé, como Andrade Neves que comandou a 3ª Brigada com sede na cidade (BENTO; GIORGIS, 2002) e que na Guerra do Paraguai integrando o 2º Corpo, teve participação importante na Batalha de Lomas Valentinas (TORRES, 2020).

Seguindo nessa linha das ligações com Bagé, de pessoas e a Guerra do Paraguai, temos um dos principais nomes da Revolução Farroupilha, General Antônio de Souza Neto, integrante do 1º Corpo, teve protagonismo na Batalha de Tuiuti, onde também fez parte dos números elevados de baixas dos aliados (GAZOLA, 2017). Em Bagé residiu e serviu, (BENTO; GIORGIS, 2002) e nessa cidade que estão sepultados seus restos mortais. Sob o comando do General Neto estava o coronel Caetano Gonçalves, filho do líder farrapo Bento Gonçalves, que na guerra comandou a 4ª Brigada de Cavalaria, na época do conflito fazia parte do efetivo militar de Bagé, onde residiu por muitos anos (BENTO; GIORGIS, 2002). Quem também servia em Bagé quando se iniciou a guerra era Floriano Peixoto, segundo presidente do Brasil, conforme Nascimento (2015), Floriano Peixoto servia como 1º tenente em Bagé e foi transferido para Uruguaiana, onde teve importante participação na Batalha de Yataí ou Jataí, travada em 17 de agosto de 1865 em *Passo de Los Libres* na Argentina. Outra personalidade que merece ser lembrado é o pai do Marechal Hermes da Fonseca, que mais tarde seria presidente do Brasil, Hermes Ernesto da Fonseca que serviu em Bagé pouco tempo antes do conflito, e na guerra como integrante do 1º Corpo, teve atuação na Batalha do Tuiuti (BENTO; GIORGIS, 2002), entre seus comandados estava o bageense Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet, filho de Mallet, nascido na cidade no ano de 1840, foi ministro da guerra no governo de Campo Sales e a ele foi dada a missão de embarcar o imperador D. Pedro II para o exílio quando foi proclamado o regime republicano no Brasil. (BENTO; GIORGIS, 2002, p.41). Voltando agora para sua atuação na Guerra do Paraguai, primeiramente foi integrante do 1º Corpo de Exército tendo atuação na Batalha do Tuiuti, no transcorrer do combate foi promovido e transferido para o 3º Corpo, no qual atuou na Dezembrada com atuação destacada no combate de Lomas Valentina (BENTO; GIORGIS, 2002). Também com sua vida muito ligada à Bagé temos o Barão de Itaqui, João Nunes da Silva Tavares, Joca Tavares, que foi comandante sucessor de Mallet na Guarda Nacional de Bagé, era filho do comandante da guarnição de Bagé quando se iniciou a guerra, o Visconde de Cerro Alegre, João da Silva Tavares. Integrou o 3º Corpo de Exército comandando o 19º Corpo de Voluntários de Cavalaria, do qual tinha entre seus comandados o Cabo Francisco Lacerda, chamado de “Chico Diabo”, apontado como carrasco de Solano López. Obteve sob o comando do General Câmara participação



importante na Batalha de Cerro Corá, onde se derrotou Solano López e o conflito foi finalizado. (BENTO; GIORGIS, 2002).

5 A PARTICIPAÇÃO DE BAGÉ NO CAMPO BÉLICO E POLÍTICO

Considerando a atuação de Bagé no campo bélico, neste tópico averiguaremos sua ação no campo político e na formação do Terceiro Corpo de Exército para a Guerra do Paraguai. A formação desse corpo foi uma relação entre o poder central, provincial e as lideranças regionais, e esse recrutamento, segundo os autores, exigiu negociações muito delicadas (IZECKSOHN; MUGGE, 2016).

Colocando como cenário o Estado do Rio Grande do Sul, na época chamado de Província, os comandantes dos regimentos de Guarda Nacional detinham bom poder político em suas regiões de comando, onde sua principal função era recrutar novos soldados. Izecksohn e Mugge (2016) nos expõe acerca do cenário político que:

(...) o governo imperial, que demandava mais soldados; o presidente da província, que tentava acomodar essas demandas aos interesses regionais com o auxílio do comandante das armas e os comandantes da Guarda Nacional, cujo prestígio e influência eram fundamentais para a mobilização da população. Essa conjuntura específica permite-nos entender também os desafios enfrentados pelo poder central para garantir o apoio das lideranças provinciais em um momento delicado da condução da guerra (...). (IZECKSOHN; MUGGE, 2016, p.2).

Em meio a isso existia a elite local que não abria mão de seus interesses, a briga de correntes políticas e exigências de favores. Em meio a esse curso surge à figura de Osório que foi um alicerce fundamental nos dois campos tanto no político quanto no bélico, era ele que detinha a função de conduzir o processo de recrutamento de pessoal para o 3º Corpo de Exército para a Guerra do Paraguai (IZECKSOHN; MUGGE, 2016). Mas os autores também apontam que as ações de Homem de Melo, presidente da Província do Rio Grande do Sul na época, aliadas a Osório resultaram em uma harmonia entre os poderes central, provincial e regional. Porém no *front* no Paraguai, a parte pessoal se encontrava no limite e se sabia que um novo recrutamento causaria problemas, entretanto Izecksohn e Mugge (2016) dizem que o governo tinha esperanças que os comandantes da Guarda Nacional conseguissem fazer esse recrutamento utilizando sua influência política e seu prestígio que detinham na região para que essa seleção fosse sem o recurso da violência.

Agora focando-nos para os comandos da Guarda Nacional que eram divididos em seis comandos superiores (IZECKSOHN; MUGGE, 2016), que tinham suas sedes nas cidades de: Jaguarão, Bagé, Quaraí, Santana do Livramento, São Gabriel, São Borja e Cruz Alta. Seus comandantes eram estancieiros que tinham experiência militar e bom poder econômico. A maioria dos comandantes eram ligados ao Partido Conservador (IZECKSOHN; MUGGE, 2016), tendo como destaque os nomes de Visconde de Cerro Alegre, João da Silva Tavares, comandante da guarnição de Bagé na época da Guerra do Paraguai, Antônio de Mello e Albuquerque e Antônio Fernandes Lima, dos comandantes só David Canabarro era membro e destacado líder do Partido Liberal. (IZECKSOHN; MUGGE, 2016, p.6). Tais homens tinham o papel suprir a ausência do Estado, que devido deficiências não conseguia cumprir. Embora o intercâmbio entre as forças, Guarda Nacional e Exército, houve um pouco de atrito pelo fato de existir um plano de Caxias de unificar as forças.

(...) havia grande relutância desses mesmos líderes em ceder o comando de suas tropas aos oficiais com formação profissional efetiva, especialmente num momento em que Caxias procurava dar um formato mais homogêneo às forças que logo retomariam a iniciativa no Paraguai, fundindo corpos, subordinando comandantes e



dissolvendo, tanto quanto fosse possível, as diferenças entre voluntários e recrutas. (IZECKSOHN; MUGGE, 2016, p.7)

Voltando para umas das engrenagens políticas desse sistema que era o recrutamento do 3º C.E., Izecksohn e Mugge (2016) voltam a citar a figura de Osório como peça chave, pois o mesmo foi indicado por Caxias para exercer os cargos de Comandante das Armas da Província e Comandante do Terceiro Corpo do Exército, no qual resultava em uma autonomia administrativa barrando o poder do presidente da Província. Apontado pelos autores como fiel às armas imperiais, e mesmo que ainda na época não tenha se envolvido diretamente com política, o marechal possuía bastante influencia e respeito além de bom trato com os líderes de Argentina e Uruguai (VARGAS, 2010 *apud* IZECKSOHN; MUGGE, 2016), mas Osório ainda teve que enfrentar muitos adversários políticos que dificultavam seu trabalho acobertando desertores e facilitando sua fuga. Izecksohn e Mugge (2016) avultam que Osório possuía forte poder de persuasão e seus aliados também, conforme ele relatou para o presidente da Província do Rio Grande do Sul, quando sua ida do à cidade de Pelotas teria “pavimentado o caminho das tropas rumo ao teatro de operações”.

Na época o presidente da Província do Rio Grande do Sul era Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, que quando assumiu a presidência da província, encontrou um cenário político com a ascensão do Partido Liberal que tinham maior número na Assembleia Provincial segundo Izecksohn e Mugge (2016). Embora contando com a mediação de Osório, enfrentava a resistência dos comandantes da fronteira que pertenciam à outra linha política, contudo Homem de Melo emitiu decretos que tentavam minimizar o embate político e conseguir esse diálogo com os comandantes, que apesar do apoio de Osório, era difícil. Então ele através de seus contatos de homens que não possuíam muito envolvimento no ramo militar, conseguiu se infiltrar nas localidades e logrou seu propósito, entre seus apoiadores estava Caetano Gonçalves, anteriormente citado, que era Chefe de Estado Maior do Comando de Fronteira de Bagé. (IZECKSOHN; MUGGE, 2016).

Entretanto Izecksohn e Mugge (2016) nos revela que ainda existia a necessidade de agregar aliados políticos para o recrutamento, então Osório indica a Homem de Melo os comandantes de Cruz Alta, São Borja, Alegrete e Bagé. Ainda conforme os autores, Osório em uma de suas cartas enviadas ao presidente provincial menciona o Barão de Cerro Alegre, pois em seu comando na cidade de Bagé foi o local que se centraram as reuniões que emergiam ordens para os outros comandos e também se negociava com as lideranças do Uruguai assuntos como capturas de desertores e recrutamento em solo uruguaio. Devido seus feitos, Osório solicita ao presidente provincial que os comandantes de Piratini, Pelotas, Rio Grande e Jaguarão cumpram as ordens do Barão do Cerro Alegre (IZECKSOHN; MUGGE, 2016). As ações tornaram o conservador Silva Tavares um executor ferrenho das ordens imperiais, feitos que lhe renderam o título de Barão.

O Terceiro Corpo teve como alvo basicamente os comandos superiores de guardas nacionais, seguindo a tradição e o estilo do recrutamento militar no Rio Grande do Sul. Esses homens foram enviados para a vanguarda no campo de batalha. A maioria provinha de esforços e reuniões de comandantes e oficiais subordinados ao Barão de Serro Alegre, de Bagé. (IZECKSOHN; MUGGE, 2016, p.18)

Mais tarde em uma carta Osório agradece os esforços do comandante de Bagé e enaltece seu papel frente à formação do Corpo de Exército e sua articulação na política (IZECKSOHN; MUGGE, 2016, p.18).

Conforme o descrito acima, podemos perceber que Bagé desenvolveu uma importante participação no ramo político que rodeava essa guerra, agora partindo para sua atuação bélica, onde anteriormente já falamos um pouco sobre sua participação, agora



gostaríamos de analisar o volume e a densidade desta participação do efetivo de pessoal para a cidade. Para realizarmos essa análise, primeiro partiremos para os números populacionais, na década de 1860, onde Brasil tinha em média 9 milhões de habitantes⁴, e usando como parâmetro o censo de 1872, onde a Província do Rio Grande do Sul 434.813 habitantes e Bagé com a população entre 10.000 e 25.000, uma cidade de porte médio para a época⁵. A cidade que já foi fundada com função militar estratégica por sua localização geográfica, e na época possuía uma boa guarnição militar, que era composta por um comando de Brigada, um batalhão de fuzileiros da Guarda Nacional e um regimento de cavalaria (BENTO; GIORGIS, 2002, p.45).

Já sobre a participação de Bagé na guerra do Paraguai, no que tange ao efetivo pessoal, anteriormente citamos Bento e Giorgis (2002) que dizem que Bagé integrou o 2º e o 3º Corpos de Exércitos, enviando um efetivo de cerca de 2000 homens para compor o 3º Corpo, e também integrando o efetivo 2º Corpo através do no 35º Voluntários da Pátria e 12º Corpo Provisório de Cavalaria. Contudo os mesmos autores nos fornecem informações que o Coronel Caetano Gonçalves, na época subcomandante da Guarnição de Bagé, integrou as tropas do General Antônio Neto: “O Major Caetano foi para Guerra incorporando-se a Brigada ao comando do Brigadeiro Antônio Neto, amigo de seu pai.” (BENTO; GIORGIS, 2002, p.47), e Gazola (2017) narra que o General Neto era integrante do 1º Corpo de Exército, nos levando a crer que o Coronel Caetano Gonçalves e sua tropa eram efetivos do 1º Corpo, isso nos faz concluir que Bagé também fez parte do 1º Corpo. Essa evidência da participação de Bagé no 1º Corpo nos faz questionar o total desse efetivo de participação, anteriormente citado como 2000.

Em seu estudo sobre a Guerra do Paraguai, Gazola (2017) traz alguns números dos efetivos dos Corpos de Exército onde ele cita a participação do 2º Regimento de Cavalaria Ligeira, que era sediado em Bagé: “O 1º Corpo de Exército comandado pelo General Osório possuía, em Outubro de 1865, a 1ª Brigada de Cavalaria com o 2º e o 3º Regimentos de Cavalaria Ligeira contando com respectivamente 305 e 389 homens (...)” (GAZOLA, 2017, p.42). Além dos Regimentos e Batalhões as unidades eram divididas em Corpo de Voluntários, Provisório e de Armas (Ex. Cavalaria, Infantaria, Artilharia). Cada uma dessas Unidades Militares tinha um número médio de integrantes, para tentar fazermos esse estudo, utilizamos os dados disponibilizados por Gazola (2017) em seu estudo sobre o assunto.

Começaremos pelas unidades denominadas Corpo de Voluntários que segundo os dados possuíam em média 260 homens, quanto ao Corpo Provisório tinha em seu efetivo em média 230 homens e um Corpo de Arma em média de 250, quanto aos regimentos e batalhões empregados, a média era de 340 de efetivo. Quanto as Grandes Unidades ou Comandos que eram divididos em Brigadas e Divisões, o número de efetivo de uma Brigada era de uma média 650 em quanto de uma Divisão era de 1750 homens, e assim se formavam o Corpo de Exército (GAZOLA, 2017)

E agora questionando o possível efetivo de Bagé como integrante do 2º Corpo de Exército, usando os dados disponibilizados por Gazola (2017) para termos uma margem para contagem, e levando em conta as médias dos efetivos, no 2º Corpo Bagé como integrante do 35º Corpo de Voluntários com média de 260 e no 12º Corpo Provisório com 230, o possível o efetivo de Bagé nesse Corpo pode ser de 500 homens. Já no 1º Corpo conforme a citação de Gazola (2017), o 2º Regimento de Cavalaria Ligeira teve empregado 305 homens, apontando esse número como o possível efetivo de Bagé presente nesse Corpo. Agora somando esses possíveis efetivos de Bagé empregados nos três Corpos

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2lGEagENznE>>. Acesso em: 30 de jun 2021.

⁵ Disponível em: <<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/demografia-1872-a-1980>>. Acesso em: 30 de jul 2021.



temos o número médio de 2.800 homens. Agora regressando novamente para a parte de demografia, na época da guerra, na década de 1860, Bagé era uma cidade de porte médio com uma população, supostamente, de 17.000 habitantes e com envio desse suposto efetivo de 2800, uma grande mobilização, visto seu suposto número de habitantes na época. Com esses números e com o que foi supracitado nesta parte do estudo, nos tenciona a realizar esse questionamento sobre essa relevância da participação de Bagé tanto no ramo político como no bélico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apuração que agora findamos nos apresentou informações acerca do tema central que são os atos de Bagé na Guerra do Paraguai ou da Tríplice Aliança, como também é chamado a contenda. Como podemos observar anteriormente, Bagé esteve presente em quase todos os confrontos ocorridos em solo brasileiro no século XIX - desde a Guerra contra Artigas passando pela sua participação na Revolução Farroupilha. Voltando para Guerra do Paraguai, a ação da cidade pode ser vista através dos personagens que possuem um elo com a mesma ou no emprego do efetivo enviado pela sua guarnição. Através desses personagens, como foram integrados nos Corpos de Exército, vislumbramos sua destacada participação nas batalhas de Tuiuti, Lomas Valentina e a que possui mais destaque Cerro Corá.

Indo para o campo da política um nome que merece destaque é o Visconde de Cerro Alegre, João da Silva Tavares, como foi visto, através de sua liderança e exercício diplomático, foi muito importante na formação do 3º Corpo de Exército ajudando no recrutamento militar para o combate. Porém, também precisamos destacar a atuação conciliatória que exerceu seu chefe de estado maior de guarnição, Caetano Gonçalves, que exerceu uma política deferente, em apoio a Homem de Melo, ajudando também na criação desse Corpo e no apaziguamento político da Província do Rio Grande do Sul. Quanto ao envio de pessoal, cerca de 2.800 homens para uma cidade que obtinha cerca de aproximadamente 17.000 habitantes, são números expressivos que reforçam mais o protagonismo de Bagé diante da guerra.

Mas ressaltamos que esses números são frutos dos dados recolhidos ao longo desse estudo, embasado nos números fornecidos pelos autores, pois sabemos que naquela época, nos anos de 1860, o levantamento demográfico era muito precário no Brasil, e é difícil ter esses dados concretos, principalmente se tratando de uma cidade do interior e o mesmo vale para os números do contingente enviado pelo confronto, o que não desmerece a mobilização feita para a formação e envio desse efetivo.

Embora a Guerra do Paraguai não tenha sido o primeiro confronto de Bagé na categoria de cidade, esse confronto fortaleceu o nome da cidade nos cenários políticos e bélicos nacionais, pois conforme o descrito no trabalho, as ações devolvidas pelos personagens em ambos assuntos, contribuíram muito para os objetivos do Brasil na guerra e finalizando nosso inquirimento, constatamos que Bagé teve muita proeminência na incursão, embora o mesmo não tenha acontecido em seus domínios como as outras guerras que participara.

Futuramente aspiramos realizar mais estudos acerca do assunto, onde almejamos responder as incógnitas que ainda persistem entre Bagé e a guerra como sua atuação na batalha de Cerro Corá na captura e morte de Solano Lopez, sua influência no pós-guerra e o seu envolvimento em outros conflitos. Esperamos que este trabalho, como anteriormente dito, possa agregar algo para o campo historiográfico, e que faça parte dessa grande “engrenagem” que é a história brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BENTO, Cláudio Moreira; GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada Brigada Patrício Corrêa da Câmara.** Porto Alegre: Editora Palotti, 2002.

FAGUNDES, Elizabeth Macedo de. **Inventário Cultural de Bagé.** Bagé: Praça da Matriz, 2005.

IZECKSOHN, Vitor; MUGGE, Miquéias H. **A criação do Terceiro Corpo do Exército na província do Rio Grande do Sul: conflitos políticos resultantes da administração militar nos anos críticos da Guerra do Paraguai (1866-1867).** *Revista Brasileira de História.* São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/xdLRTP4PNYJyqy3KwcGSBDw/abstract/?lang=p> Acesso em: 10 maio 2021.

GAZOLA, Francisco Lucca. **A Organização e o Papel da Cavalaria Brasileira na Guerra da Tríplice Aliança.** AMAN. Resende, 2017. Disponível em: <<https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/1/1057/1/TCC%20FRANCISCO.pdf>> Acesso em: 6 de maio 2021.

NASCIMENTO, Luiz Augusto Rocha do. Navigator: **Subsídios Para a História Marítima do Brasil.** Rio de Janeiro, V. 11, no 22, p. 70-74 – 2015. Disponível em:<<https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:rede.virtual.bibliotecas:artigo.revista:2015;1001055455>> Acesso em: 6 maio 2021.

STEIERNAGEL, Gustavo. **Pesquisa e documentação são o caminho: O dilema das armas de Chico Diabo.** UFPEL. Pelotas, 2012. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/museologia/files/2017/08/gustavo-steiernagel_tcc.pdf> Acesso em: 8 maio 2021.

TORRES, Alexandre Medeiros. **A Liderança de Caxias e Suas Consequências no Desenrolar da Guerra do Paraguai.** ECEME. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/8863/1/MO%206302%20-%20TORRES.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2021.